

# A CORRESPONDÊNCIA DE AUGUSTIN-LOUIS FRÉLAUT DURANTE A INTERVENÇÃO FRANCESA NO MÉXICO (1862-1867)

THE CORRESPONDENCE OF AUGUSTIN-LOUIS FRÉLAUT  
DURING THE FRENCH INTERVENTION IN MEXICO (1862-1867)

**Gabriela Pellegrino Soares**  
Universidade de São Paulo

## Correspondência:

Av. Prof. Lineu Prestes 338  
Cidade Universitária - São Paulo-SP - CEP 05508-900  
E-mail: [gabriela.pellegrino@terra.com.br](mailto:gabriela.pellegrino@terra.com.br)

## Resumo

Este artigo analisará as cartas escritas pelo *zouave* Augustin-Louis Frélaud a seu irmão Fortuné durante a viagem e permanência no México, entre 1862 e 1867, como integrante da expedição militar enviada ao país por Napoleón III. Frélaud partiu da Argélia rumo ao porto de Veracruz em princípios de julho de 1862. Suas cartas contêm relatos vívidos sobre as experiências que tiveram lugar, nos anos seguintes, em solo americano. Pretendo discutir, em particular, as práticas, os recursos e as percepções marcadas no *corpus* de correspondências acerca do tempo dos deslocamentos físicos, do transporte de bens e víveres, e da circulação de informações e de ideias. Ao mesmo tempo, almejo refletir sobre como as condições acima indicadas ajudaram a conformar o olhar de Frélaud sobre o México, assim como as posições que assumiu em face dos indígenas, das forças liberais, da Igreja, do imperador austríaco “aliado” e das políticas imperiais francesas no ultramar.

**Palavras-chave:** México; Augustin-Louis Frélaud; indígenas.

## Abstract

This article will shed light on the letters written by the *zouave* Augustin-Louis Frélaud to his brother Fortuné during his trip and stay in Mexico, from 1862 to 1867, as a member of the military expedition sent by Napoleón III. Frélaud departed from Argelia towards Veracruz haven in early July 1862. His letters bring vivid accounts on the experiences that took place, in the following years, on American soil. I intend to discuss, in particular, the practices, the means and the perceptions expressed in the correspondence *corpus* considering the time of displacements, of food and goods transportation, and of circulation of ideas and information. At the same time, I plan to analyze how the conditions pointed out above have helped to shape Frélaud's regard to Mexico, as well as the positions he sustained facing indigenous people, liberal forces, the Church, the “allied” Austrian emperor and the French imperial policies in the overseas.

**Keywords:** Mexico; Augustin-Louis Frélaud; indigenous people.

*J'attends aujourd'hui une lettre de toi,  
celle que tu a dû m'envoyer le 14 janvier;  
Crois toujours, mon cher Fortuné,  
au plaisir que tu me procures  
m'écrivant tous les quinze jours.  
Bien que je n'aie sur vous aucune inquiétude,  
je me sens par l'échange de cette feuille de papier,  
rapproché de vous au point de ne plus songer  
aux distances immenses qui nous séparent.*

Augustin-Louis Frélaud,  
Puente Colorado, 20 février 1863.

Este artigo será dedicado à discussão sobre as condições de circulação de homens, de informações e de ideias, considerando-se a materialidade de seus suportes, a partir de uma fonte documental singular – a série de cartas escritas ao irmão pelo soldado francês Augustin-Louis Frélaud, integrante das forças militares francesas que intervieram no México entre 1862 e 1867<sup>1</sup>. Em particular, pretendemos indagar as cartas no sentido de buscar entrever o comportamento das populações indígenas das diferentes regiões do país que Frélaud percorreu em face do conflito militar instaurado.

Correspondente contumaz sob o efeito da distância, das saudades de casa, do tempo ocioso que entremeava as missões e das incertezas que palmilharam toda a campanha, Frélaud descreveu ao irmão Fortuné os caminhos que o levavam a enveredar pelo México e os circuitos que comunicavam o território com a França. A descrição torna palpáveis as temporalidades dos deslocamentos de homens, objetos e ideias, próprias de um tempo lento, de estradas em más condições que retardavam o avanço das tropas, de cartas que custavam três semanas para cruzar o Atlântico, quando seus portadores conseguiam fazê-las chegar com segurança ao carregamento de um navio. As epidemias pareceriam ser as únicas capazes de alastrar-se com rapidez por regiões inteiras, ultrapassando os obstáculos da guerra e da topografia.

---

<sup>1</sup> Registro meus sinceros agradecimentos a Claire Fredj e Dominique Kalifa pelo empenho para que uma cópia integral da edição das fontes – edição realizada por Manuel Charpy e Claire Fredj, a partir dos originais guardados nos arquivos de François Delhumeau e da família Pierret – chegasse às minhas mãos. Agradeço, em especial, ao projeto USP-COFECUB “Exercícios de história cultural conectada: caminhos cruzados Brasil, América Latina e França”, coordenado por Marcos Napolitano, meu colega no Departamento de História na USP, e Luiz Felipe de Alencastro, da Universidade de Paris-Sorbonne. O projeto me proporcionou a oportunidade de descobrir a documentação na biblioteca do Musée du quai Branly e de estabelecer fecundos diálogos com o conjunto dos pesquisadores.

Para analisarmos instâncias de circulação, mediação e apropriação cultural que marcavam as relações entre a Europa e a América no século XIX, assim como entre espaços sociais americanos, penso ser fundamental firmarmos alguns dos marcos temporais em que se moviam os atores e as práticas culturais, políticas e os suportes materiais da época. As cartas de Frélaud – redigidas, é importante sublinhar, em um contexto particular, de violentos conflitos entre liberais e conservadores no México, agravados pela intervenção externa e a constituição do Império – ajudam-nos a reconstituir esses contornos.

### **Augustin-Louis Frélaud e os longos “exílios” de um soldado**

Augustin-Louis Frélaud nasceu em 25 de agosto de 1827, em Ploemeur, na Bretanha. Seu pai era funcionário da administração municipal, encarregado de supervisionar o recolhimento de taxas aduaneiras. Frequentou o Seminário em Sainte-Anne à Aurais e, aos 20 anos, iniciou os estudos de Medicina. Interrompeu-os, contudo, pouco tempo depois, para ingressar na carreira militar. É provável que tenha se inspirado nas carreiras militares de alguns de seus tios, ao contrário de muitos jovens de sua geração que buscaram no Exército um recurso para fazer face à crise econômica dos anos finais da Monarquia de Julho.

Frélaud iniciou sua vida militar aos 21 anos, em 1848, em meio à agitação social e política que ameaçava a recém-proclamada Segunda República. Manteve-se na ativa até o ano de 1889, quando se aposentou com a patente de general. Durante os mais de quarenta anos em que serviu o Exército francês, sua carreira fundamentalmente coincide com as políticas colonialistas do II Império, embora se estenda pela III República. Para os soldados, as campanhas por domínios coloniais correspondiam, para além dos anseios de aventura e do sentido de missão, a perspectivas de ascensão mais rápida na hierarquia militar.

Em 25 de março de 1852, Frélaud partiu para a Argélia, onde ingressou nas companhias dos chamados *zouaves*. Ou seja, unidades de infantaria leve instituídas pela França no Norte da África a partir de 1830, quando da conquista de Argel. Em seus primeiros anos, os batalhões *zouaves* reuniram argelinos e franceses estabelecidos na colônia. Uma ordenança de setembro de 1841, no entanto, tornou as companhias exclusivas para franceses metropolitanos e da África, com uma pequena presença de judeus argelinos.

Eleito presidente da II República em 1848, Louis Napoleão Bonaparte procedeu, em princípios de 1852, a uma nova reorganização dos *zouaves*, dividindo-os em três regimentos. Frélaud pertenceu às fileiras do 3º. Zouaves, com uniforme de calça amarela, distinguido entre outros pela participação na Guerra da Criméia contra a Rússia entre 1853 e 1856, na Campanha da Itália, em que a França se aliou à Sardenha

contra a Áustria, em 1859, e na “Expedição do México”, entre 1862 e 1867. Durante a “expedição”, parte do regimento passou a montar a cavalo. Nesse período, por outro lado, a bandeira do regimento recebeu a insígnia da Legião de Honra.

Frélaut teve a Argélia como sua base entre 1852 e 1859, colaborando com a redução de zonas dissidentes no Sul, no Oeste e em Kabylie. Nesse ano, deslocou-se para a Península Itálica, onde participou das violentas batalhas de Magenta e Solferino. Os soldados franceses lutaram ao lado das tropas do rei Vittorio Emmanuelle II para expulsar os austríacos que haviam invadido o reino do Piemonte-Sardenha. A vitória franco-piemontesa foi um marco importante no processo de unificação da Itália.

Frélaut voltou a servir na Argélia, de onde partiu para o México, em 3 de julho de 1862, aos 35 anos. Nas cartas que escreveu ao irmão desde o princípio da travessia, reserva à Argélia um lugar de afeto e familiaridade que em muito contrastaria com os sentimentos em relação ao México.

Fortuné Frélaut, padre em Saint-Patern, em Vannes, na França, foi o interlocutor epistolar por excelência do irmão Augustin-Louis, que lhe enviou mais de uma centena de cartas durante os cinco anos de expedição. As cartas foram preservadas pela família, que fez publicar parte delas em uma revista militar, *Le Carnet de la Sobretache*, em 1938. A seleção revelava o filtro de uma operação de memória, em que prevaleciam as passagens condizentes com a imagem edificante das façanhas militares. O conjunto das cartas guardadas, no entanto, publicado em 2003 por Manuel Charpy e Claire Fredj em *Lettres du Mexique*, deixa entrever manifestações mais subjetivas, de saudades, incerteza e contrariedade<sup>2</sup>.

A prática de escrever cartas se difundiu socialmente no século XIX em virtude da expansão do acesso à escola e ao aprendizado das letras. Como colocam os organizadores da obra, “uma parte importante da população se familiariza com a complexa gramática da correspondência”<sup>3</sup>. Descobrimo o prazer do diálogo sentimental e inspirando-se no modelo aristocrático, a burguesia abraça essa prática. Escrever uma carta torna-se uma arte delicada que faz parte da educação das crianças. Frélaut é certamente familiarizado com essa cultura epistolar<sup>4</sup>.

Por outro lado, as cartas privadas estavam associadas à expressão da intimidade, prática tradicionalmente associada às mulheres. Mas as longas campanhas napo-

---

<sup>2</sup> CHARPY, Manuel; FREDJ, Claire. *Lettres du Mexique*. Itinéraires Du zouaves Augustin-Louis Frélaut, 1862-1867. Paris: Éditions Nicolas Philippe, 2003.

<sup>3</sup> CHARPY, M.; FREDJ, C., *Op. cit.*, *Intoduction*, p. 11.

<sup>4</sup> Sobre os usos e a história das correspondências na França, ver, por exemplo. CHARTIER, Roger (Dir.). *La correspondence*. Les usages de la lettre au XIXe siècle. Paris : Fayard, 1991.

leônicas instigavam os soldados a escrever, contribuindo para que o hábito se disseminasse<sup>5</sup>.

A escrita de cartas era pautada por severas convenções, relativas à caligrafia, à disposição das margens e do parágrafo, às formas de tratamento para iniciar e encerrar o texto. As cartas obedeciam ainda às convenções que se aplicavam a temáticas e contextos específicos. No que diz respeito aos militares, os jornais políticos, as grandes narrativas sobre guerras napoleônicas e a literatura das viagens de exploração serviam de matriz para a linguagem epistolar canônica que permeava a expressão subjetiva. Nas cartas de Frélaud, reconhecem-se os ecos do *Moniteur*, jornal do oficial do Segundo Império que cunhava imagens heroizantes da vida militar, assim como das categorias usadas por Humboldt para descrever a natureza americana.

Ao mesmo tempo, soldados e oficiais sabiam que sua correspondência poderia ser aberta para conferência de seus superiores, ou para espionagem de seus inimigos. As menores informações mereciam uma ponderação estratégica dos riscos, assim como as manifestações pessoais de discordância ou crítica.

Ainda assim, nas cartas de Frélaud, não raro as fronteiras da discricção e impessoalidade são ultrapassadas.

## Cartas e deslocamentos

A estrutura administrativa respondeu à nova demanda pela vulgarização da correspondência criando as condições para o estabelecimento de um serviço postal bem estruturado. Entre outras iniciativas, em janeiro de 1849 o selo ganhou um preço único em todo território francês.

Por outro lado, com as grandes campanhas no ultramar nas décadas que se seguiram à Revolução Francesa, o correio marítimo se desenvolveu. A partir dos anos 1850, com base no modelo administrativo já usado pelas ferrovias, o serviço postal fez acordos com empresas privadas, oferecendo subvenções pelo encargo do transporte de correspondências. Em 1860, a *Compagnie Générale Maritime*, futura *Compagnie Générale Transatlantique*, dos irmãos Pereire, tornou-se concessionária da distribuição postal no ultramar<sup>6</sup>. Durante o verão de 1862, com o envio dos soldados franceses ao México,

---

<sup>5</sup> Algumas décadas mais tarde, a imigração massiva de europeus para as Américas voltou a favorecer uma extraordinária popularização da escrita de cartas, como demonstrou Martyn Lyons em recente estudo. Ver LYONS, Martyn. *The Writing Culture of Ordinary People in Europe, c. 1860-1920*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

<sup>6</sup> Cf. CHARPY, M.; FREDJ, C., *Op. cit.*, *Lectures*, p. 355. Ver a tese de Jacques Mériaux. *Histoire de la poste navale. Acheminement et distribution du courrier dans la marine de guerre française (1792-1992)*. Thèse de doctorat d'histoire. Bordeaux III, 1995, 3 t. Ver também os trabalhos de Raymond Salles, dentre os quais SALLES, R. *La poste maritime française*, t. IV, Les paquebots de l'Atlantique nord, Antilles, Amérique Centrale et Pacifique sud, États-Unis, editado pelo autor em 1965.

uma nova linha regular foi estabelecida entre Saint-Nazaire e Veracruz, via Fort-de-France, na Martinica, e via Santiago de Cuba. A partir de junho do mesmo ano, uma *Agence des Postes de France à Terre* foi inaugurada em Veracruz, instalando-se em seguida outras em Tampico e em Matamoros. Os doze navios que partiam a cada ano do porto de Veracruz transportavam correspondências militares e civis. A travessia durava cerca de três semanas.

Como veremos, a prática amanuense ocupou um lugar central nas relações que Frélaud estabeleceu com o México entre 1862 e 1865. O capitão esteve sempre atento à movimentação do correio, controlando as datas de cartas que seriam levadas ou trazidas nos navios que aportavam em Veracruz, às oportunidades que surgiam de forma imprevista para mandar uma carta rascunhada às pressas, à ameaça de que os “chinacos” assaltassem comboios portadores de carregamentos postais franceses, à ocasião de recorrer a espiões indígenas que levassem incógnitos uma carta sua à cidade mais próxima. Esteve também atento às perspectivas abertas pelo telégrafo, que em 1866, depois de uma tentativa frustrada pelo rompimento do cabo no ano anterior, estendeu-se através do Atlântico, interligando o Velho e o Novo mundo. Até então, só foi possível contar com ele para comunicações intercontinentais.

Por outro lado, as cartas carregaram as saudades que Frélaud sentia de casa – da França, e também da Argélia. Não somente pelas notícias da família, dos amigos e da vida em geral que o irmão lhe enviava, mas pela comoção de escrever sobre o mundo que ele havia deixado tão longe – a velha mãe, os sobrinhos pequenos, os alimentos cotidianos, o clima e a paisagem. Nas cartas, esculpia o seu distanciamento em relação ao México, aos indígenas e à causa pela qual lutava. Nos seus deslocamentos pelo território, os itinerários dos comboios fiscais serviam de maior alento ou de aflição e desesperança. E o fato de os “chinacos” por vezes o privarem das queridas notícias tingia com sentimentos pessoais a condição do inimigo.

Nas cartas, as manifestações mais exaltadas de Frélaud de repúdio ao México quando a circulação dos soldados e das informações se tornava penosa. Desde que colocou os pés no país, a partir de Veracruz, até o momento em que retornou ao porto para abandoná-lo, lamentou as condições dos caminhos e do limitado alcance da estrada de ferro. Se Frélaud associava a cidade de Veracruz às febres epidêmicas que ceifaram a vida de dois terços dos oito mil contingentes franceses mortos ao longo da ocupação do México, afastar-se dela significava distanciar-se de casa e da perspectiva de repatriação. De igual maneira, condenava os ataques das *guerrillas* liberais – termo usado pelos franceses desde a invasão da Península Ibérica, em 1808 – aos comboios portadores de correspondência, que inibiam o trânsito por regiões mais remotas. Sua indignação também se dirigiu ao governo da França, que adotava “meias-medidas” em relação ao México, comprometendo a relevância estratégica e as possibilidades de êxito da campanha militar. Do baixo número de soldados enviados para assegurar o con-

trole das vastas regiões que os franceses logravam conquistar às intermináveis ordens e contra-ordens que os batalhões recebiam, confundindo suas ações e abatendo o ânimo das tropas, Frélaud percebeu e expressou a fragilidade de sua posição em território alheio. A rede armada para a construção de uma nova ordem, com novos senhores, revelava-se descontínua e quebradiça.

### **Napoleão III e a invasão francesa do México**

A investida da França contra o México em princípios dos anos 1860 remonta a uma complexa trama de acontecimentos envolvendo cada um dos países. Por um lado, o Estado Mexicano atravessava uma conjuntura de severos conflitos internos. A derrota sofrida na Guerra com os Estados Unidos (1846-1848), a qual redundou na perda de amplas porções do território nacional, abalou a força dos grupos conservadores, politicamente preponderantes nas décadas que se seguiram à independência do país. Os conservadores respaldavam sua força na Igreja Católica, detentora de extraordinário poder e de riquezas imobiliárias. Já nos anos 1830 grupos liberais definiram seu lugar como oposição aos conservadores, advogando a modernização econômica e a laicização da sociedade.

Em 1854, os liberais alcançaram o poder no México através da chamada Revolução de Ayutla. Benito Juárez (1806-1872), índio zapoteca originário de Oaxaca, advogado, ex-juiz e logo governador de seu estado natal, projetou-se como principal liderança do movimento e sucedeu os liberais de Juan Álvarez (1854-1856) e Ignacio Comonfort (1856-1858) na presidência da República<sup>7</sup>. Permaneceu no cargo até o ano de sua morte, em 1872. Em 1855, a chamada Lei Juárez cancelou os privilégios jurídicos dos eclesiásticos. Em 1856, foi promulgada a Lei Lerdo, de autoria de Miguel Lerdo de Tejada, Ministro do Desenvolvimento do presidente liberal Ignacio Comonfort. Determinava a “desamortização”, ou seja, o fim da restrição para que fossem mercantilizadas, e a transferência dos chamados “bens de mão morta” para mãos privadas. No caso da Igreja, estabelecia-se um prazo para que os imóveis rurais e urbanos pertencentes à corporação fossem comprados por seus inquilinos; passado o prazo legal, esses bens imobiliários poderiam ser adquiridos por outros interessados. No que diz respeito

---

<sup>7</sup> Benito Juárez (1806-1872) era originário de um *pueblo* zapoteca no estado de Oaxaca. Formado em Direito após uma lendária saga pessoal, representou nos anos 1830 os índios loxica contra abusos perpetrados pela Igreja, fato que lhe rendeu uma breve passagem pela prisão. Ocupou o governo interino do estado de Oaxaca entre outubro de 1847 e agosto de 1848, quando se elegeu governador para o período 1848-1852. Foi novamente interino entre janeiro de 1856 e em 25 de junho de 1857, quando voltou a ser eleito governador constitucional. Deixou o cargo em outubro do mesmo ano, para incorporar-se aos liberais no governo federal.

aos *pueblos* indígenas, a Lei previa a divisão das terras comuns entre os habitantes da comunidade e a conversão dos novos lotes em propriedade privada.

Incorporada à Constituição promulgada pelos liberais em 1857, a Lei Lerdo fez estremecer as imponentes estruturas da Igreja no México. A instituição cerrou suas fileiras contra o governo, aproximando-se de seus tradicionais aliados conservadores para insurgir-se contra o governo. Os liberais responderam com a radicalização de seu plano. Em 1859, decretaram a nacionalização dos bens eclesiásticos. Igrejas, mosteiros e outras riquezas patrimoniais foram confiscados pelo Estado, acirrando os confrontos armados e o recurso à violência.

A guerra civil obrigou Benito Juárez, empossado como presidente, a abandonar a Cidade do México e a organizar um governo itinerante de resistência, que vagou de Veracruz a outros pontos ao norte do país. Sem que o conflito estivesse encerrado, o governo republicano conseguiu reafirmar sua soberania política em fins de 1860.

A guerra interna castigava as finanças da República. Em julho de 1861, o Congresso mexicano aprovou o adiamento do pagamento da dívida contraída anos antes pelo general Miguel Miramon, o qual em 1858 assumira o comando das forças conservadoras que dominaram a Cidade do México. O empréstimo fora obtido junto ao banqueiro suíço Jean-Baptiste Jecker, no valor de cerca de 7,5 milhões de francos aportados por três Estados europeus – Espanha, França e Grã-Bretanha.

A reação dos Estados credores ao anúncio feito pelo governo de Juárez foi rápida e contundente. Orquestrados pela França de Napoleão III, decidiu-se pelo envio de tropas para invadir o México. Desacordos entre as três partes, no entanto, levaram Espanha e Inglaterra a desistir da empreitada às portas de Veracruz. Os soldados franceses desembarcaram sozinhos, enquanto na Corte, em Paris, se buscava um formato político para selar a ocupação do território.

A persistência da França em retaliar o México liberal pela relutância em saldar a dívida deve ser compreendida à luz de outras motivações. O projeto imperial de Napoleão III reforçava pretensões expansionistas que já vinham ganhando forma anteriormente. Embora houvesse perdido em 1804, na esteira dos acontecimentos revolucionários, a valiosa colônia de Saint-Domingue, o país conservava as antigas possessões nas Antilhas, Martinica e Guadalupe, assim como a Guiana Francesa, no norte da América do Sul. Ao longo do século XIX, o país investiu contra o norte da África, invadindo a Argélia em 1830 e, décadas mais tarde, assenhorando-se da Tunísia e enfim do Marrocos.

A prestigiada *Revue de Deux Mondes*, criada em Paris em 1829, deixava entrever o interesse da França em construir um canal interoceânico na América Central, sobretudo após o início dos trabalhos para a construção do Canal de Suez, em 1859, que interligaria o Mar Mediterrâneo e o Mar Vermelho. Promovida pelo diplomata fran-



cês, conde Ferdinand de Lesseps, em acordo selado com o Egito, a obra significava um monumental atalho para a circulação naval entre a Europa e a Ásia.

Para comunicar entre os oceanos Atlântico e o Pacífico sem impor às embarcações a um penoso contorno pelo Estreito de Magalhães, estimava-se que a Nicarágua fosse o ponto de corte ideal. Quando mais tarde o projeto ganhou força, mas localizado no Panamá, Lesseps e a França estiveram por trás dos primeiros passos para sua realização, sendo depois substituídos pelos Estados Unidos.

O interesse norte-americano pela América Latina havia se tornado nítido na guerra com o México, na década de 1840. A *Revue de Deux Mondes*, mais uma vez, ajudou a elaborar a percepção de um confronto que se anunciava, entre um modelo civilizatório anglo-saxão e uma matriz latina, da qual a França se fazia porta-voz. Os artigos de Michel Chevalier na *Revue* fomentaram o uso da noção América “Latina”, que aproximava da França as porções da América de colonização ibérica, em oposição à América Anglo-Saxã<sup>8</sup>. Ganhava contorno a ideia de que seria preciso proteger a América “Latina” das pretensões dos Estados Unidos, que as legitimavam com amparo simbólico da Doutrina Monroe e do Destino Manifesto.

Ao mesmo tempo, a obra publicada originalmente em francês, em 1807, *Le Voyage aux Régions Equinoxiales du Nouveau Continent*, de Alexander von Humboldt e Aimé Bonpland, contendo relatos sobre as regiões da América Espanhola que sua expedição percorreu entre 1799 e 1804, havia contribuído, em sua extraordinária repercussão, para chamar a atenção da Europa para as potencialidades econômicas aí reservadas. Os primeiros tempos de circulação da obra entre seus leitores coincidiram com a crise do domínio colonial ibérico na América e a emergência de Estados emancipados e abertos para o mundo<sup>9</sup>. Naquele amplo mundo, a França constituiu uma referência cara às elites políticas latino-americanas. Convergências estabeleceram-se, assim, em diferentes planos, da cultura, à política e à economia. E o cenário pareceu favorável aos projetos imperiais franceses.

Nos anos 1850, a expedição do conde Raousset-Boulbon buscou, sem sucesso, instalar colônias para exploração das minas de Sonora, no norte do México. As minas de Sonora continuam sendo, para Augustin-Louis Frélaud e os participantes da expedição de 1862, um símbolo das riquezas que o México poderia aportar à França.

---

<sup>8</sup> Ver PRADO, Maria Lígia. Leituras políticas e circulação de idéias entre a França e as Américas: Francisco Bilbao e a *Revue des Deux Mondes*. In: BEIRED, J. L.; CAPELATO, M. H.; PRADO, M. L. (Orgs.). *Intercâmbios políticos e mediações culturais nas Américas*. Assis: FCL-Assis-UNESP Publicações; São Paulo: Laboratório de Estudos de História das Américas, 2010, p. 193-206.

<sup>9</sup> Em meio à rica bibliografia dedicada à viagem de Humboldt à América Espanhola e as representações que produziu sobre o “novo continente” ver, por exemplo, PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império*. Relatos de viagem e transculturação. Bauru: Edusc, 1999.

Nesse momento, a decisão da França de invadir o México sob o pretexto de cobrar uma dívida articulou-se com a pressão de conservadores mexicanos enfrontados na Corte de Napoleão III. A intervenção estrangeira representaria, em sua perspectiva, um golpe de graça para o governo de Benito Juárez e para a legislação liberal no México. Abriria caminho para a consolidação do projeto conservador de fundar a nação sobre as bases do catolicismo e da monarquia.

### **O império de Maximiliano de Habsburgo**

Em 1856, Tomás Murphy, um diplomata conservador que havia ocupado a embaixada mexicana em Londres, dirigiu a Napoleão III um relatório que expunha a vulnerabilidade do México, tomado pelos liberais, em face dos Estados Unidos. O documento exaltava a França a proteger seu país, com apoio da Inglaterra e da Espanha, e a provê-lo de um monarca – um príncipe espanhol ou, alternativamente, um integrante de alguma linhagem dinástica católica. Nos anos que se seguiram, outros representantes do projeto conservador fizeram chegar a Napoleão e a sua mulher, a imperatriz Eugenia, argumentos em favor dessa solução. Tiveram papel proeminente nessas gestões os mexicanos José María Gutiérrez de Estrada e José Manuel Hidalgo, ambos residentes na Europa.

Quando o nome do arquiduque Maximiliano de Habsburgo, irmão do imperador austro-húngaro Francisco José I, despontou como uma possibilidade, Hidalgo viajou a Viena para apresentar o plano. Sendo boa a acolhida, um ministro de Francisco José, o conde de Rechberg, partiu para Miramar para encontrar-se com o arquiduque, que condicionou seu consentimento ao apoio material dos Estados aliados – França, Inglaterra e Espanha – e à clara manifestação do México em favor de sua coroação. Leopoldo I, rei da Bélgica e pai da arquiduquesa Carlota, assim como o Vaticano, responderam com manifestações encorajadoras às sondagens feitas por Maximiliano. Outras autoridades foram mais reticentes, e em vão quiseram alertá-lo sobre as dificuldades que enfrentaria no México.

Em princípios de 1864, Maximiliano cuidou dos detalhes de sua partida e negociou as prerrogativas que seu governo teria. Em visita a Londres, todavia, teve sinais da hostilidade inglesa à sua ingerência nos encaminhamentos com o México. Em Viena, pressionado pelo irmão imperador, recusou-se a assinar um documento que atestava ter aberto mão de seus direitos sucessórios. Viria a assiná-lo, pouco tempo depois, em Miramar.

Em 10 de abril de 1864, Maximiliano foi coroado, em Miramar, imperador do México. Em 14 de abril, aos 32 anos, embarcou com Carlota na fragata austríaca *Novara*, alcançando o porto de Veracruz em 28 de maio. A reação popular ao desembar-

que não poderia ter sido mais fria. No dia seguinte, o casal iniciou a jornada à Cidade do México, ao longo da qual presenciou alguns momentos de júbilo. Em 12 de junho, instalou-se no palácio nacional, o Castelo de Chapultepec, construído na época do vice-reinado. Maximiliano não tardou a definir uma estratégia conciliatória e a anunciar que sempre aos domingos, às 13h, concederia audiências públicas no palácio a quem as solicitasse.

As demandas de organização do novo governo concentraram-se na figura poderosa do general francês François Achille Bazaine, enquanto o general conservador Miguel Miramón, uma das principais lideranças das forças conservadoras no México, era enviado a Berlim com o argumento de dedicar-se ao estudo de tática militar. As manobras que se desenhavam nos bastidores articularam-se os movimentos políticos que Maximiliano quis imprimir na nova ordem mexicana. Entre eles, o de refrear as expectativas da Igreja em relação à anulação das medidas liberais e o de reconhecer demandas das populações indígenas.

Maximiliano manteve a liberdade de culto e a venda dos bens eclesiásticos, contrariando as pressões do núncio enviado por Roma. Em 1865, estava consumado o rompimento entre o Império e a Igreja, ao mesmo tempo em que se frustravam muitas das expectativas dos conservadores que articularam sua vinda ao México. Em pouco tempo, corroeu-se a aliança desse grupo com a monarquia.

Os desgastes da guerra de ocupação do México e da controversa aliança política com o monarca austríaco, ao lado dos acontecimentos que na Europa faziam crescer a pressão da Prússia sobre os países vizinhos, selaram a decisão de Napoleão III de ordenar a retirada dos militares franceses do Império na América. Incumbido de comandar a evacuação, chegou ao México, em princípios de 1866, o barão de Saillard. O emissário não teve êxito, contudo, na tentativa de convencer o monarca a abandonar o país juntamente com as tropas.

Maximiliano de Habsburgo terminou refém dos liberais, os quais jamais reconheceram a soberania do Império. A despeito da lei marcial em vigor desde 1865, que autorizava as forças militares leais ao império de fuzilar, sem julgamento, os suspeitos de dissidência política, os grupos guerrilheiros espalhados por todo o território resistiram com tenacidade. Frélaud observou em uma de suas cartas que mesmo se famintos e depauperados, sua presença era tão marcante que era impossível não se supor que fossem orquestrados por um comando centralizado.

O imperador Habsburgo foi capturado e, em 19 de junho de 1867, fuzilado por ordem de Benito Juárez. Ao seu lado foram executados, a despeito dos pedidos de indulto de Maximiliano para os seus generais, Miguel Miramón e Tomás Mejía.

Miramón havia retornado ao México em novembro de 1866, para persistir na guerra contra os liberais, que rapidamente recobravam o controle sobre o território após a retirada dos soldados franceses. Entrara em Santiago de Querétaro buscando

romper o cerco republicano ao monarca. No Cerro de las Campanas, nos arredores de Querétaro, no momento da execução, Maximiliano cedeu a ele o lugar de honra, o lugar do meio na linha dos três condenados<sup>10</sup>.

Juárez restabeleceu-se na Cidade do México em 15 de julho e governou o país até o ano de sua morte, em 1872, consolidando a ordem liberal. Porfirio Díaz, general republicano, herói das campanhas de resistência contra os franceses, tornou-se presidente do país em 1876, após um bem-sucedido levante militar contra o presidente sucessor de Juárez, Sebastián Lerdo de Tejada. Ocupou o posto, com uma interrupção formal entre 1880 e 1884, até princípios de 1910, quando eclodiu a Revolução Mexicana.

### Itinerários de Frélaud no México

No alvorecer do mês de julho de 1861, Augustin-Louis Frélaud embarcou para o México. Partiria no dia seguinte, como expressou em carta ao irmão com data de 3 daquele mês, para uma “expedição longínqua”. Já estaria longe quando o irmão recebesse a carta, previa ele, em cinco dias.

Seu tom era carregado de otimismo. Uma multidão apinhou-se no porto de Alger para despedir-se dos expedicionários, acenando ao navio que se afastava de sua vista. O *zouave* viajava com o estado maior de seu regimento e com seu batalhão no Eylau, embarcação que conhecia desde a bem-sucedida campanha na Itália, em favor do reino do Piemonte e Sardenha, contra os austríacos.

Tratava-se de um imponente veleiro armado com cem canhões, transformado em navio a vapor em 1853, como parte da frota que se modernizou na Marinha francesa em meados do XIX. A máquina de 900 CV era uma preciosa garantia para os momentos de calma<sup>11</sup>.

A travessia seria feita em grandes estiradas – parariam somente nas Antilhas para embarcar água e carvão. No sétimo dia da viagem, o Eyleau atravessou o estreito de

---

<sup>10</sup> Manuel Charpy e Claire Fredj anexaram à edição da correspondência de Augustin-Louis Frélaud, a carta escrita por Victor Hugo a Benito Juárez, em 20 de junho de 1867, expondo sua posição contrária a Napoleão III, mas lhe pedindo a revogação da sentença de morte de Maximiliano. Republicano, Victor Hugo era um notório defensor do fim da pena de morte. Sua carta foi publicada por jornais belgas e ingleses, mas os mexicanos só tomaram conhecimento da mesma por um despacho telegráfico enviado pelo embaixador da Áustria em Londres, após a execução. Na carta, o escritor enaltece a obra política de Juárez, mas argumenta: “É sobretudo pela proteção do nosso inimigo que nossos princípios se afirmam”. Ver CHARPY, M.; FREDJ, C., *Op. cit.*, p. 373-376.

<sup>11</sup> As técnicas de navegação e a história de sua evolução são objeto de minuciosas pesquisas. No Brasil, para o contexto dos navios que serviam ao tráfico negreiro, ver o interessante estudo de Jaime Rodrigues. RODRIGUES, Jaime. *De costa a costa: escravos, marinheiros e intermediários do tráfico negreiro de Angola ao Rio de Janeiro (1780-1860)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Gibraltar. Em carta de 11 de julho, Frélaud precisava ao irmão, “estamos entre o céu e a água, e navio, apesar da carcaça pesada, avança a 8 nós por hora”<sup>12</sup>. O peso devia-se, em parte, ao volume de mercadorias transportadas – víveres, munição, grandes carroças, cavalos e mulas...”. Os soldados procuravam suportar bem o aperto, ansiando pela oportunidade para reverter a derrota sofrida em Puebla pelas tropas francesas do General de Lorencez<sup>13</sup>.

Os primeiros soldados franceses haviam chegado ao México em fins de dezembro de 1861, alguns dias depois das tropas enviadas pela Espanha. Se os aliados ingleses optaram por permanecer no Litoral, de acordo com o tratado, franceses e espanhóis avançaram pelo interior, com apoio do Exército mexicano. Nesses primeiros tempos, a campanha no México foi uma operação subordinada à Marinha, e o comando foi assumido pelo Almirante Jurien de la Gravière. Em 19 de fevereiro de 1862, os conservadores mexicanos assinaram um tratado que autorizava as forças aliadas a ocupar as cidades de Cordova, Orizaba e Tehuacan. Nessas zonas temperadas, os soldados estariam mais protegidos das doenças e pestes que se abatiam nas “terras quentes” como Veracruz.

Para fortalecer a missão, Napoleão III decidiu nesse contexto enviar 4500 homens, das tropas de terra em lugar da Marinha, comandados pelo general Lorencez. Enquanto o general conservador Juan Nepomucemo Almonte, prestigiado diplomata mexicano, retornou ao país sob a proteção francesa para preparar transição à monarquia, o general Lorencez marchou rumo a Puebla. Em maio de 1862, comandou seis mil soldados no assalto à cidade fortificada, sendo vencido pela cavalaria mexicana e forçado a recuar para Orizaba. Em face da grande derrota, Napoleão III providenciou o envio de reforços. Foi assim que, no verão europeu de 1862, Frélaud embarcou em meio aos 30 mil homens recrutados para a missão.

Previa-se que sua chegada definitiva à terra firme tardaria 40 ou 50 dias. Depois de uma parada em Tenerife para abastecer o navio de víveres frescos e carvão, o Eyleau rumou, em 2 de julho de 1862, para a outra margem do Atlântico. Os franceses contavam com um porto seguro na Martinica, antes de enfrentar o desconhecido México. A travessia duraria cerca de três semanas, ao longo das quais, Frélaud preveniu seu irmão, estaria privado de mandar e receber correspondências. A escrita das cartas, todavia, não devia ser interrompida. “Envie suas cartas com destinação ao primeiro *zouaves*, corpo expedicionário do México. Escreva-me sempre, eu encontrarei suas car-

---

<sup>12</sup> Carta de A. L. Frélaud. *En mer*, 11 de julho de 1862. CAHRPY, M.; FREDJ, C., *Op. cit.*, p. 29.

<sup>13</sup> Charles-Ferdinand Latrille, conde de Lorencez (1814-1892), recebera a patente de general por seus feitos na Argélia. Foi enviado ao México em janeiro de 1862, com 4.500 homens. O general era conhecido por sua disciplina e popularidade entre os soldados. Mas perdeu prestígio por sua derrota em Puebla e desavenças com Dubois de Saligny, ministro da França no México. Acabou deixando o país em novembro do mesmo ano.

tas em Veracruz”.<sup>14</sup> Afinal, a experiência do tempo transcorrido seria relatada como sempre; apenas, a narrativa seria recuperada com atraso, para preencher as lacunas de um relato fiel à cronologia.

A chegada a Fort-de-France ocorreu já em 2 de agosto de 1862, após uma travessia tranquila. Aguardavam o Eyleau dois outros navios para formar a esquadra que atracaria no porto de Veracruz. Da Martinica, Frélaud escreveu ao irmão e expressou sua preocupação com a falta de notícias sobre o corpo de exército em ação no México. Era preciso chegar logo, mas a rapidez é impossível quando se está “carregado de cavalos e material de toda sorte”<sup>15</sup>.

Tal percepção agravou-se nos primeiros contatos dos *zouaves* com o território que ajudariam a ocupar. A atmosfera de Veracruz e arredores evocava as descrições feitas por Alexander von Humboldt sobre as “terras quentes”, ou seja, as terras localizadas nas latitudes de 30 a 23 graus, com até 600 metros de altitude. Reservavam, para os passantes, os mais duros desafios e desconfortos.

Deixamos o *L'Eylau* em 28 de agosto e às 10h da manhã passamos em Veracruz, diante da casa do governador, nossa revista de partida. O caminho de ferro ruim, que leva o nome de linha de Veracruz a México, mas que só tem 12 km de extensão, fez o transporte na primeira etapa.

À noite nós acampamos em Tejeria, onde encontra comboio de provisões que estamos encarregados de conduzir a Orizaba<sup>16</sup>.

A partir de Tejeria, novas decepções:

Uma coisa é a mais triste verdade: as estradas, ou melhor, a estrada porque só há uma, que leva de Veracruz a México, está em um estado impossível: imagine: só fizemos 28 km (...) em treze dias. É verdade que para avançar nós estamos nas piores condições. Nosso comboio está composto em grande parte de grandes carruagens *du pays*, que normalmente um arreo de 8 mulas até pode puxar; as chuvas torrenciais que nos enfraquecem, a pesada carga que colocamos nas carruagens faz com que 50 mulas em um carro não dêem conta do recado. Também, meu querido Fortuné, que miséria! Nós viajamos na lama: de manhã deixamos o acampamento cerca de 6 horas, avançamos 3

<sup>14</sup> Carta de A. L. Frélaud. Mouillage de Santa Cruz de Ténériffe, 13 de julho de 1862. CHARPY, M.; FREDJ, C., *Op. cit.*, p. 31.

<sup>15</sup> Carta de A. L. Frélaud. À bord de L'Eylau Mouillage de Fort-de-France, 5 de agosto de 1862. *Ibidem*, p. 32.

<sup>16</sup> Carta de A. L. Frélaud. Bivouac de La Soledad, 9 de setembro de 1862. *Ibidem*, p. 45.

ou 4 km, voltamos para ver o que resta do comboio, e já chegou a nos custar dois dias para reagrupar as carruagens<sup>17</sup>.

Aos problemas com o estado das estradas somava-se o sentimento de insegurança nas imensas savanas. Frélaud lamenta o *métier* que colocava os soldados em face de todo tipo de dificuldade, em um país infestado de guerrilheiros. Eram obrigados a tomar posições estratégicas na estrada e a atirar quando necessário. Seu comboio fora atacado somente uma vez, havia dois dias, mas os agressores foram rapidamente dominados, escreve ao irmão. “Foi na vizinhança desse lugar onde, há três meses, eles incendiaram um comboio de munição de guerra que havíamos deixado partir sob a escolta de 75 doentes e duas cantineiras”<sup>18</sup>.

As cantineiras e um grande número de soldados da escolta foram mortos, e todo o resto pilhado e queimado. Os guerrilheiros, conclui Frélaud, não trabalham pela independência do país, são “bandidos” agindo por sua conta.

### Frélaud e os mexicanos

Como se movimentaram as populações indígenas em face da intervenção francesa e da chegada ao México de um imperador de origem austríaca que, sem se alinhar com os conservadores, voltou a reconhecer juridicamente os *pueblos* como atores coletivos, autorizando-os a possuir e a administrar terras, e estabeleceu uma *Junta Protectora de las Clases Menestrosas* (JPCM), para acolher denúncias e coibir abusos nas relações de trabalho?

Os sinais dados por Maximiliano de Habsburgo de que almejava uma modernização mais gradual, capaz de mitigar os drásticos efeitos do novo regime de propriedade da terra, serviram de base para que se afirmasse terem as populações indígenas se inclinado em favor do Império contra os liberais alçados ao poder com o sucesso da Revolução de Ayutla, em 1854.

Com efeito, com a cisão política do país entre 1864 e 1867, os *pueblos* tenderam a ver o Império como aquele que oferecia mais espaço para negociações. No breve interregno monárquico, muitos *pueblos* voltaram a assinar seus requerimentos como coletividades e mobilizaram estratégias de defesa mais apegadas à sua cultura jurídica tra-

---

<sup>17</sup> Carta de A. L. Frélaud. Bivouac de La Soledad, 9 de setembro de 1862. *Ibidem*, p. 45.

<sup>18</sup> Carta de A. L. Frélaud. Bivouac de La Soledad, 9 de setembro de 1862. *Ibidem*. As cantineiras, mais do que cozinheiras, realizavam atividades como barbear os soldados, acudir os feridos com primeiros socorros, lavavam as roupas. Chegavam mesmo a receber treinamento militar e carregar armas quando acompanhavam as tropas. O incidente ocorrido em abril de 1862 foi razão de grande ressentimento entre as tropas.

dicional.

Entretanto, autores como Romana Falcón sustentam que é impossível identificar lealdades socialmente uniformes por parte das populações indígenas a uma das partes envolvidas no confronto.

Cabe sublinhar que, de nenhuma maneira, se pode sustentar que as forças imperialistas ou republicanas tenham conseguido um apoio diferenciado de maneira horizontal entre classes e estratos. Em parte pela mesma incerteza da guerra, ambas as facções obtiveram respaldo em toda hierarquia social: desde peões, *pueblos*, *comuneros* e *rancheros* até ricos e influentes. Além disso, ambos os regimes foram presas de ineficiência, corrupção e abuso de autoridade.

Os pobres do campo encontraram tanto autoridades imperiais e republicanas, e de todos os ramos do governo, que apoiaram suas demandas, como outras que os atrapalharam ou que se lhes opuseram<sup>19</sup>.

Em breves linhas, a Reforma Liberal correspondeu, como mencionado acima, a um conjunto de leis promulgadas a partir de 1855, dentre as quais se destaca a chamada Lei Lerdo, de 25 de junho de 1856. Redigida por Miguel Lerdo de Tejada, Ministro da Fazenda na presidência de Juan Álvarez (1854-1856), a lei determinava a desamortização dos bens imóveis, urbanos ou rurais, em posse de corporações<sup>20</sup>. Em particular, da Igreja e dos *pueblos*. Esses bens deveriam ser transferidos a mãos privadas, como propriedade individual, passíveis de ser mercantilizados. Objetivava-se assim, além de fragilizar a Igreja, dar alento à modernização econômica, disponibilizando as riquezas naturais às forças empreendedoras.

No caso dos *pueblos* indígenas, apenas o fundo legal e o *ejido*, duas das cinco partes em que costumavam se dividir as terras comunais, ficavam protegidos, por um ambíguo artigo oitavo, do efeito desamortizador da lei. O fundo legal era formado pelo centro do *pueblo* e pela área habitada; o *ejido*, pelas terras de pastoreio, de recreação e de outros usos públicos. As demais partes foram atingidas de forma clara e irreversível pela legislação legal, que no ano seguinte foi incorporada à nova Constituição federal: os terrenos de comum *repartimiento*, que constavam de parcelas individuais, possuídas em usufruto por membros do *pueblo*; os chamados próprios, terras trabalhadas em forma comunal para contribuir com os gastos da coletividade, e que muitas vezes eram

---

<sup>19</sup> FALCÓN, Romana. Pueblos comuneros en una era de transición. Contrapuntos durante el Imperio y La República. In. ZORAIDA VÁZQUEZ, Josefina (Coord.). *Juárez. Historia y mito*. México DF: El Colegio de México, Centro de Estudios Históricos, 2010, p. 369. Para uma narrativa das diversas fases do conflito, ver DÍAZ, Lilia. *El liberalismo militante*. Historia General de México. México: Colégio de México, Centro de Estudios Históricos, 2004.

<sup>20</sup> Os termos da Lei Lerdo foram incorporados à Constituição promulgada pelos liberais em 1857, durante a presidência de Ignacio Comonfort (1856-1858).



arrendadas; e, finalmente, os montes e águas<sup>21</sup>. A determinação era de que esses terrenos fossem repartidos entre os habitantes dos *pueblos* e individualizados. Perante as instâncias jurídicas, as Repúblicas de Índios já não mais existiam como coletividades. Os canais abertos para a interação com o Estado e com a esfera pública passavam a coincidir, oficialmente, com os contornos definidores da cidadania.

A despeito da clareza da lei, sabe-se que os *pueblos* não desapareceram abruptamente da paisagem social, cultural e política do México. E em 1911, o Plano de Ayala reacenderia com força explosiva a defesa da tradição da autonomia comunitária.

O tema das idas e vindas do processo de desamortização das terras e de desorganização dos *pueblos* indígenas tem ocupado o centro de novas pesquisas e férteis debates historiográficos nos últimos anos<sup>22</sup>. Assume-se hoje que a Reforma Liberal não teve início com a Revolução de Ayutla e a Reforma Liberal, ao mesmo tempo em que a desamortização das terras indígenas não implicou o desaparecimento dos *pueblos*.

Os anseios de modernização e desamortização das propriedades no México remontam às Reformas Bourbônicas e, em particular, a um decreto do ano de 1813<sup>23</sup>. Nos anos que se seguiram à independência, não faltaram partidários à visão de que os recursos naturais tinham de ser retirados das mãos improdutivas dos índios e transferidos a pessoas de iniciativa. Decretos legislativos e formulações jurídicas expressaram essa posição já nos anos 1820 e 1830, embora de uma forma ambígua e desarticulada<sup>24</sup>. Quando a Reforma mostrou sua contundência, nos anos 1850, as violentas reações da Igreja demonstraram o quão acidentado continuava sendo o terreno a ser percorrido.

Também em relação aos *pueblos*, a implementação da Lei Lerdo enfrentou revezes. O fim da proteção legal facilitou o avanço de fazendeiros, autoridades e ávidos aventureiros sobre as parcelas indígenas. Vendidas ou espoliadas, terras de *pueblos* passaram a mãos alheias e agravaram o quadro de exclusão social que os liberais esperavam re-equacionar com sua política. O índio *ignorante, crédulo e resignado* que se imaginava alçado a pequeno proprietário rural, foi sendo condenado à *peonaje* ou à margina-

<sup>21</sup> Ver KRAUSE, Enrique. *La presencia del pasado*. México: BBVA Bancomer, FCE, 2005, p. 190.

<sup>22</sup> Ver, por exemplo, FALCÓN, Romana. *México descalzo*. Estrategias de sobre vivencia a la modernización liberal. México: Plaza y Janés, 2002; também, ESCOBAR OHMSTEDE, Antonio; FALCÓN, Romana; BUVE, Raymond (Eds.). *Pueblos, comunidades y municipios frente a los proyectos modernizadores en América Latina*, siglo XIX. México DF: El Colegio de San Luis; Amsterdam: Centre for Latin American Research and Documentation, 2002.

<sup>23</sup> De acordo com Leticia Reina, o decreto das Cortes de Cádiz de 4 de janeiro de 1813 ordenava a divisão de todas as terras comunais, com exceção dos *ejidos* necessários aos *pueblos*. REINA, Leticia. Las Leyes de Reforma de 1856: inicio o culminación de um proceso? In: ZORAIDA VÁZQUEZ, J., *Op. cit.*, p. 314.

<sup>24</sup> Sobre algumas dessas resoluções, ver SÁNCHEZ SILVA, Carlos, *Op. cit.*, p. 419. Sobre os discursos liberais acerca da questão indígena, ver, entre outros, PRADO, Maria Lígia. Mora e Echeverría: duas visões da questão da soberania popular. In: *América Latina no século XIX*. São Paulo: EDUSP; Bauru: EDUSC, 1999.

cidade urbana.

Miguel Lerdo de Tejada emitiu circulares sustentando que os “inconvenientes insignificantes” da desamortização não ofuscavam seus imensos benefícios. Mas no estado de Oaxaca, quando foi governador entre 1856 e 1857, Benito Juárez chegou a decretar a suspensão temporária da lei, ao passo que outras autoridades fizeram vistas grossas à exigência do parcelamento e da individualização das terras.

Nesse cenário de tensas negociações, agravadas pela invasão francesa e a instauração do Império, as populações indígenas souberam explorar as disputas entre projetos e grupos distintos em seu próprio interesse. As posições assumidas em meio ao conflito, de maneira aberta ou dissimulada, constante ou flutuante segundo a conjuntura, podem ser recuperadas por pesquisas monográficas, capazes de lançar luz sobre as ricas variações do mundo social. A pergunta fundamental desta análise diz respeito às possíveis pistas que as cartas de Frélaout nos fornecem nesse sentido.

O olhar de Frélaout sobre os indígenas oscilou entre a projeção bucólica sobre uma gente “dócil” e “crente” que poderia amainar a solidão do soldado na convivência cotidiana, o olhar do militar que subjuga e recruta os subjugados para as missões necessárias, e o profundo repúdio a um povo que julgou incomunicável, traiçoeiro e ameaçador. Esse sentimento só cresceu com o transcorrer do tempo e a evidência dos impasses e da fragilidade da ocupação francesa no México.

Recém-desembarcado no país e já distante das terríveis terras quentes em que encontrava o porto de Veracruz, com suas doenças tropicais e clima desagradável, Frélaout escreveu ao irmão, em plena véspera de Natal. “Nós estamos muito bem em nossa pequena repartição de Ingenio, em meio a populações amigas e abrigados de qualquer ataque. Aproveitamos então para nos exercitar e nos distrair; dedicamo-nos à pesca e à caça e os dias têm se passado de maneira muito agradável.” A noite seria de Natal e os sinos da “nossa catedral”, brincou Frélaout a respeito da igreja de San Ingenio, sublinhando a palavra, já soavam de maneira ensurdecidora. “Iremos à missa da meia-noite com todos os bons camponeses indígenas”, para depois cearem o fruto da caça regado a água mineral e alegria, na falta do vinho...<sup>25</sup>

Mas a sensação de trégua foi fugaz, e um mês mais tarde, em carta de 24 de janeiro de 1863, o capitão desabafava, referindo-se à epidemia de tifo que castigava os soldados mexicanos reunidos em Puebla, à lentidão com que seu batalhão se deslocava e a toda sorte de miséria que suportavam – “esse país é tão pouco simpático que nós gostaríamos de já ter partido”<sup>26</sup>.

<sup>25</sup> Carta de A. L. Frélaout. San-Ingenio, 24 de dezembro 1862. CHARPY, M.; FREDJ, C., *Op. cit.*, p. 69-70.

<sup>26</sup> Carta de A. L. Frélaout. Tecamalucan, 24 de janeiro de 1863. *Ibidem*, p. 73.

Alguns milhares de liberais haviam se juntado às guerrilhas, estimou Frélaout em carta de 20 de fevereiro, e a força do inimigo se mostrara no ataque perpetrado a duas companhias de seu batalhão, as quais ocupavam um ponto importante do ponto de vista da comunicação entre as tropas francesas e destas com o porto<sup>27</sup>. A companhia do capitão foi enviada como reforço ao local e isso bastou para que os inimigos se afastassem.

Os obstáculos que surgiam ao fluxo das cartas constituíam uma grave fonte de angústia para os soldados, sempre atento aos comboios de correio, aos caminhos franqueados, aos mensageiros eventuais.

A companhia recebeu ordens para ali aguardar a chegada do General Douay e escoltá-lo até Puebla, prosseguindo com uma expedição que já lhes parecia “interminável”.<sup>28</sup>

A chegada a Puebla, em meados de março, trouxe novos matizes ao olhar de Frélaout sobre os mexicanos. Em um grande esforço de reconquista, as tropas francesas sitiaram a cidade – “renovamos o cerco a Saragossa”, escreveu a Fortuné em 2 de abril, lembrando esse episódio da invasão napoleônica à Espanha entre 1808 e 1809. Em Puebla, como em Saragossa, a resistência da população obrigava os soldados a assaltarem casa por casa, arriscando-se sobre as barricadas “inimigas” e metendo-se em combates sangrentos e “ignóbeis”<sup>29</sup>. Esses “bravos mexicanos”, ironizava Frélaout, só eram corajosos atrás dos muros, sem jamais confrontar seus “torsos aos nossos”<sup>30</sup>. Em um dos ataques, coroado de insucesso, os franceses tiveram 8 oficiais mortos, 8 feridos e 5 prisioneiros<sup>31</sup>. Depois do fracasso, os invasores preferiram minar as forças do mexicano pelo isolamento. “A fome faz o lobo sair da floresta, diz a Fábula”<sup>32</sup>.

Frélaout relatou que desertores famintos e amedrontados começaram a aparecer. E em carta de 18 de maio de 1863, finalmente comemora: “Puebla é nossa!”. Sensibilizou-se com o triste espetáculo de uma população que se dirigia às fileiras francesas pedindo comida, mas encerra a carta em tom eufórico, anunciando que agora sim avançariam rumo à Cidade do México e que Deus protegesse a França<sup>33</sup>.

Ainda em relação ao cerco, recupero uma sugestiva passagem em que Frélaout descreveu a conversa que teve com oficiais mexicanos a serviço do general Comonfort, durante um breve armistício firmado para troca de prisioneiros.

<sup>27</sup> Carta de Augustin-Louis Frélaout. Puente Colorado, 20 de fevereiro de 1863. *Ibidem*, p. 76.

<sup>28</sup> *Ibidem*

<sup>29</sup> Carta de A. L. Frélaout. De Puebla, 2 de abril de 1863. *Ibidem*, p. 78.

<sup>30</sup> Carta de A. L. Frélaout. Em Puebla, 18 de abril de 1863. *Ibidem*, p. 80.

<sup>31</sup> Carta de A. L. Frélaout. Au camp, sous Puebla, 1 de maio de 1863. *Ibidem*, p. 82.

<sup>32</sup> Carta de A. L. Frélaout. Puebla, 14 de maio de 1863. *Ibidem*, p. 84.

<sup>33</sup> Carta de A. L. Frélaout. Puebla, 18 de maio de 1863. *Ibidem*, p. 87.

Sáimos de nossas respectivas posições e conversamos por um bom tempo com oficiais Mexicanos que são, em sua maioria, Alemães, Italianos e Americanos. Um deles que se exprimia muito bem em francês nos dizia que nós aqui éramos opressores de nacionalidades enquanto na Europa a França era a cabeça do movimento liberal. Nós respondemos a eles que a questão da nacionalidade Mexicana não podia ser bem defendida por estrangeiros ao país, e que fariam melhor unindo-se a nós para ir à Polônia<sup>34</sup>; acrescentamos ainda que, no que dizia respeito ao México, era-nos indiferente se um Juárez, ou um Comonfort, ou qualquer outro estivesse à frente do país, que tínhamos por missão combater um partido hostil à França e que chegaríamos ao nosso fim (...)<sup>35</sup>.

Nas cartas de Frélaud, estão ausentes as conjecturas sobre as partes em confronto no México, seus fundamentos políticos e sua legitimidade. O apoio dos índios aos liberais aparece em suas descrições fundamentalmente como resultado do policiamento e do assédio que sofriam. Reiteradas vezes, destacou a pobreza e o desemprego em que vivia aquela gente, achacada por um clero corrupto, ameaçada pelas forças liberais<sup>36</sup>. Por isso, a despeito de toda a desconfiança de Frélaud viria a demonstrar em relação a Maximiliano de Habsburgo, e à associação duvidosa entre a sua autoridade e os desígnios da França no México, o capitão celebrou notícias de que um imperador havia sido finalmente encontrado para o país – “há um grande burburinho em todo o México sobre as novas eleições, e a esperança de logo se ter um Imperador. Deus queira que os votos desse povo sejam satisfeitos. *Ça ferait si bien notre affaire à nous*”<sup>37</sup>.

Afinal, acreditava Frélaud, a população dava sinais de que desejava o fim da guerra, mas temia represálias dos liberais<sup>38</sup>. Contra esse inimigo invisível, destacado da população, expressou ao irmão sua disposição em “trabalhar para que a vida dos pobres índios se acalme”<sup>39</sup>. Os propósitos vagos que guiavam a intervenção francesa no México, e que se traduziam no cotidiano da campanha, precisavam ser preenchidos de sentidos pelos soldados. E nesse ponto, a indiferença acerca do destino político do México por vezes dava lugar ao ideal igualmente vago de salvar os indígenas de um conflito que lhes era alheio.

---

<sup>34</sup> Em 1863, eclodiu na Polônia um movimento pela afirmação de sua autonomia dividida que estava, desde o século XVIII, entre a Prússia, a Áustria e a Rússia. A revolta terminou em violenta repressão levada a cabo pela Rússia.

<sup>35</sup> Carta de A. L. Frélaud. Puebla, 14 de maio de 1863. *Ibidem*, p. 85-86.

<sup>36</sup> Sobre os relatos de Frélaud acerca dos abusos do clero mexicanos, ver as passagens das páginas 224 e 225.

<sup>37</sup> Carta de A. L. Frélaud. Totimehuacan, 3 de agosto de 1863. *Ibidem*, p. 101.

<sup>38</sup> Carta de A. L. Frélaud. Totimehuacan, 3 de agosto de 1863. *Ibidem*, p. 103.

<sup>39</sup> *Ibidem*

Após a partida das tropas vitoriosas, Frélaud e sua companhia permaneceram em Puebla e acompanharam a gradual retomada da vida cotidiana na cidade, sob o jugo francês. Ao capitão coube instalar-se na confortável casa antes pertencente a um ministro de Benito Juárez. Em 3 de julho, relatou ao irmão,

há mais de 15 dias já se vende nas ruas do México e de Puebla a biografia do arquiduque Maximiliano ilustrada com seu retrato e o da arquiduquesa. Ainda não conseguimos saber por quem são pagos esses promotores do império, mas estamos desanimados esperando, ao pensarmos que nada do que foi dito será feito nesse país (...)<sup>40</sup>.

E acrescentou, cético, que o acesso ao terreno conquistado pelos franceses deveria ser vendido caro. “O México poderia enriquecer a França”<sup>41</sup>.

A relativa tranquilidade da vida em Puebla, desde a queda da cidade, contrastava com a tensão que rondava os deslocamentos de Frélaud e sua companhia pelas estradas, escoltando comboios que transportavam correspondências ou alimentos. Suas cartas vinham carregadas de queixas contra a bandidagem. Povo “curioso”, dizia ele, propenso ao fanatismo religioso e, ao mesmo tempo, à desordem e à pilhagem<sup>42</sup>. Os liberais eram “ladrões de profissão e de caráter”, que se divertiam portando-se como polícia dos caminhos contra “os pobres diabos do Índios”, que se deixam saquear com a maior tranquilidade do mundo<sup>43</sup>.

A docilidade dos índios em face das partes em confronto aproximava-se, concluiu Frélaud, da apatia<sup>44</sup>.

(...) a população nos é em geral simpática, mas é a apatia encarnada; quanto aos pobres diabos dos Índios, são eles que suportam todos os golpes: dos liberais quando nós partimos, nosso quando chegamos. Você não pode duvidar da docilidade dessa gente. Outro dia, por exemplo, eu tinha necessidade de 200 trabalhadores, dei ordens a meu Prefeito para trazê-los a mim no prazo mais breve possível, e em menos de 12 horas eu já estava satisfeito. Eu os conservei por três dias sem que eles se preocupassem em pedir para comer (...)<sup>45</sup>.

Ainda assim, aos franceses resultava difícil contar com seu suporte militar, en-

---

<sup>40</sup> Carta de A. L. Frélaud. Puebla, 3 de julho de 1863. *Ibidem*, p. 95.

<sup>41</sup> *Ibidem*

<sup>42</sup> Carta de A. L. Frélaud. Puebla, 13 de julho de 1863. *Ibidem*, p. 98.

<sup>43</sup> Carta de A. L. Frélaud. Totimehuacan, 3 de agosto de 1863. *Ibidem*, p. 99.

<sup>44</sup> Carta de A. L. Frélaud. Tepeji, 18 de setembro de 1863. *Ibidem*, p. 108

<sup>45</sup> *Ibidem*

cerrados que estes estavam em sua profunda e complexa diversidade étnica e cultural.<sup>46</sup> Mas havia exceções. Em carta escrita em Tepeji, em 22 de outubro de 1863, relatou ao irmão que fez nomear um “Índio de grande inteligência e de uma energia fora do comum” Comandante-Geral de milícias do distrito, além de indicar ao Marechal Forey, antes que esse partisse do México, sua condecoração pela Legião de Honra<sup>47</sup>.

Tepeji era uma pequena vila tomada pelos franceses, antes esconderijo de “saqueadores e guerrilheiros”. Após a conquista, o Comandante da divisão seguiu para o Sul, deixando Frélaout e seus *zouaves* para guardar o lugar.

Tepeji, o ponto que eu ocupo, é um verdadeiro ninho de águia nas montanhas e nós nos encontramos aqui gozando de temperaturas bem diferentes, quente do lado das planícies do Litoral, fresca e agradável do lado Norte. Eu sou grande chefe aqui, com poderes discricionários que eu uso para tranquilizar a população e convocá-la. Em poucos dias eu terei mais de 300 Mexicanos ao meu serviço, bem armados, bem, equipados e bem montados. Além disso, com a ajuda de um Prefeito que tenho sob meu controle eu terei organizado um *ayuntamiento* (municipalidade) que começará a funcionar subordinado ao novo Governo. Todas as populações que visitamos têm pressa em encerrar a anarquia e a guerra civil, mas elas são covardes e tímidas e temem que depois haverem se pronunciado em nosso favor nós as abandonemos, e as deixemos à mercê dos bandos liberais (leia-se: ladrões) espalhados pelo país<sup>48</sup>.

A criação de *ayuntamientos* tornou-se uma estratégia mobilizada pelos franceses para armar a população e sobrepôr à ocupação militar e uma estrutura político-administrativa. Em Tepeji, a população de fato pagou um preço alto por essa subordinação aos novos mandatários<sup>49</sup>. Quando as tropas de ocupação deixaram o município para incursionar sobre outras porções do território, trezentos liberais recuperaram o controle de Tepeji e vingaram-se brutalmente dos moradores. Frélaout lamentou o acontecimento, e dias depois expressou seu alívio ao ser notificado de que um dos chefes do massacre em Tepeji fora capturado e fusilado<sup>50</sup>.

No mês de junho de 1864, as tropas instalaram-se na capital e lá hastearam a bandeira francesa. Maximiliano desembarcou em Veracruz em 29 de maio de 1864. Em carruagem rococó, seguiu escoltado pelos generais Bazaine e Nègre rumo à cidade do México. Outros batalhões dividiram-se na direção de Oaxaca, ao sul do país, que

<sup>46</sup> Carta de A. L. Frélaout. Tepeji, 6 de outubro de 1863. *Ibidem*, p. 110.

<sup>47</sup> Carta de A. L. Frélaout. Tepeji, 22 de outubro de 1863. *Ibidem*, p. 113.

<sup>48</sup> Carta de A. L. Frélaout. Puebla, 15 de agosto de 1863. *Ibidem*, p. 102-103.

<sup>49</sup> Carta de A. L. Frélaout. Tepeji, 18 de setembro 1863. *Ibidem*, p. 107.

<sup>50</sup> Carta de A. L. Frélaout. Tepeji, 22 de outubro de 1863. *Ibidem*, p. 112.

seria conquistada no ano seguinte, e das províncias do Norte, onde Benito Juárez se refugiou, levando consigo os arquivos do governo republicano.

Estando em Cuautitlan, em 6 de abril de 1864, nas proximidades da Cidade do México, Frélaud anunciou apreensivo ao irmão a mudança de planos para a sua divisão. Preparavam-se para ocupar a cidade de Oaxaca, mas deviam desviar-se para o Norte, para uma campanha de cerca de oito meses por grandes cidades do interior como Querétaro, León, Zacatecas, San-Luis de Potosí para enfim se reunirem em Guadalajara com a fração do regimento que já partira. “Eu te confesso que é duro”, conclui. Reanima-se mencionando ao irmão o belo e excelente cavalo que tem a seu serviço, que veio a morrer mais adiante na longa travessia, para desconsolo de Frélaud<sup>51</sup>.

A nova rota – sujeita a permanentes ordens e contra-ordens que irritavam o capitão – apresentava-se como coalhada de desafios. Um ataque guerrilheiro sofrido por parte do comboio, territórios conquistados e em seguida perdidos, tão logo as tropas partissem... “40 mil homens não seriam muito para cobrir esses imensos estados”, desabafa Frélaud, “esse México me repugna.” Em meio à marcha forçada, sob as interpéries, o cenário parecia desolador – um “país” de haciendas, um deserto. E acrescenta, poderia atrair e enriquecer milhares de habitantes, mas vivem isolados e na miséria<sup>52</sup>. “Aproxima-se 1865, e fará quase três anos que deixamos essa boa terra da África para vir sacudir aqui a indolência de um povo que nos é tão pouco simpático”<sup>53</sup>.

Ao cansaço e desânimo a passagem pelas cidades por vezes apresentava uma pequena trégua. Em León, Frélaud distraiu-se observando as ruas da cidade “reputada como das mais delicadas de todas as Américas”, as hortas cheias de legumes frescos diante das fileiras de casas, os mercados e seu burburinho, as charmosas senhoritas comendo (sempre comendo!) no interior das carruagens<sup>54</sup>. Mais adiante, o batalhão alcançou Guadalajara, onde os soldados avistaram o Pacífico e testemunharam belíssimas festas e procissões<sup>55</sup>. As ruas mais importantes da cidade compunham o cenário onde as famílias mais abastadas desfilavam sua elegância e suas preferências. As tradições católicas mesclavam-se a outros motivos de júbilo e ritualização, como a própria chegada do imperador.

Em carta de 10 de julho de 1864, descreve ao irmão:

---

<sup>51</sup> Carta de A. L. Frélaud. Cuautitlan, 6 de abril de 1864. *Ibidem*, p. 135.

<sup>52</sup> Carta de A. L. Frélaud. Querétaro, 21 de abril de 1864. *Ibidem*, p. 135-137. E também, León, 4 de maio de 1864, p. 138-139.

<sup>53</sup> Carta de A. L. Frélaud. Tepeji, 7 de fevereiro de 1864. *Ibidem*, p. 127.

<sup>54</sup> Carta de A. L. Frélaud. León, 4 de maio de 1864. *Ibidem*, p. 138.

<sup>55</sup> Carta de A. L. Frélaud. Guadalaxara, 2 de junho de 1864. *Ibidem*, p. 145. Também Guadalaxara, 10 de julho de 1864, p. 155.

Avril e eu estamos juntos novamente: uma de nossas distrações aqui é montar a cavalo e fazer uma “*belle jambe*” pela *Alameda* (passeio público e jardins em torno da cidade). Mas não somos *pretensiosos*: procuramos nos distrair. Não faltam coisas bonitas sobre esses passeios; e no domingo sobretudo, uma multidão de carruagens, cavaleiros e pedestres. Ver assim os Mexicanos fora de casa, com roupas de festa, é muito bonito, e Deus queira que eles não percam nenhuma ocasião de se produzir assim. Não posso dizer que eles tenham uma festa para celebrar a cada dia, mas falta pouco para isso; e ainda há luzes, fogos de artifício, badaladas intermináveis. Você pode imaginar que estrondo eles fizeram pela chegada de Maximiliano e ainda não terminou! Ainda ontem, foi seu aniversário de nascimento; e por isso a cidade esteve de pernas para o ar. À noite, o que eu vi de mais lindo, uma procissão de velas formada por todas as senhoritas notáveis de *Guadalajara* ostentou pelas ruas as efígies do Imperador e da Imperatriz, tudo isso ao som de sinos, de tambores, da artilharia, petardos e não mais o que”<sup>56</sup>.

No mês de agosto de 1864, estando ainda em Guadalajara, Frélaud recebeu por carta oficial um elegante *brevet* assinado pelo imperador, nomeando-o Cavaleiro de sua Ordem Imperial de Guadalupe. O *zouave* deduziu que a honraria se devesse à sua participação no combate de Jiquilpan, ocorrido em 10 de abril<sup>57</sup>. O império recém-instaurado não dispensava as liturgias tradicionais monárquicas, que envolviam as condecorações, a circulação de representações litográficas do poder real, os desfiles e audiências públicas.

Maximiliano empenhava-se em conquistar a simpatia dos soldados franceses que lhe davam sustentação no México. Inicialmente, Frélaud manifestou alguma esperança e zelo para com essa autoridade instaurada no país com a chancela da França – mesmo porque, se a situação se estabilizasse, ele e toda a tropa poderiam partir. Os desencontros de propósitos e estilos, no entanto, não tardariam a prevalecer nessa relação. E assim, a crítica dos soldados às “meias-medidas” da França na campanha no México – delegando o poder a um austríaco, insistindo na permanência de um exército incapaz, por suas proporções, de consolidar o domínio sobre todo o território – repetiram-se incontáveis vezes nas cartas enviadas ao irmão<sup>58</sup>.

Frélaud soube que o imperador realizava visitas aos estados sob o controle das forças de intervenção para buscar semear uma nova organização social e política.<sup>59</sup>

<sup>56</sup> Carta de A. L. Frélaud. Guadalajara, 10 de julho de 1864. *Ibidem*, p. 155.

<sup>57</sup> Carta de A. L. Frélaud. León, 29 de agosto de 1865. *Ibidem*, p. 203.

<sup>58</sup> Carta de A. L. Frélaud. León, 14 de setembro de 1865. *Ibidem*, p. 206.

<sup>59</sup> Carta de A. L. Frélaud. Guadalajara, 27 de setembro de 1864. *Ibidem*, p. 162.



Considerou a iniciativa temerária. “Imagine que outro dia”, escreveu de Trapiche (explicando que o nome significava moinho de cana de açúcar) em 10 de outubro de 1864, que sua carruagem atolou a ponto de se perder. O imperador “continuou modestamente sua viagem a cavalo até o posto francês vizinho e recebeu a hospitalidade do capitão do 81º. Enquanto isso, bandidos se agitavam em torno dele”<sup>60</sup>.

Na guerra das imagens e representações, também o exército francês precisou colaborar. No mês anterior, a divisão de Frélaut saíra em *tour* de oito dias nas redondezas de Guadalajara,

para visitar populações que nunca tinham visto um uniforme francês. A miséria que encontramos é imensa. ‘Los chinacos nos han robado todo’ (os guerrilheiros nos roubaram tudo), ouvíamos repetirem em toda parte e nós infelizmente confirmamos o fato. Também, que acolhida à nossa chegada! O velho grito de terror ‘Voilà les Français’ foi substituído por um grito de salvaguarda quando da nossa chegada. Todos os pobres diabos que antes nos chamavam de mangeurs d’enfants se aproximam de nós para nos pedir proteção<sup>61</sup>.

E nas muitas cartas, Frélaut reforçava a percepção de que os liberais se encontravam em frangalhos, deixando-se destruir aos poucos, “sem ruído e sem glória”. Seu exército não passava de um bando de aventureiros e saqueadores que pretensamente representava o governo republicano, sob a liderança de alguns raros generais mexicanos<sup>62</sup>. Estavam famintos, e em face dos franceses rendiam-se ou debandavam. Mas nos tempos que se seguiram, a guerra tomou novo rumo, e em 28 de outubro de 1866, quando Napoleão III já havia selado a decisão de retirar seus soldados do México, Frélaut escreveu a Fortuné:

Nós realmente penetramos até o coração de Huesteca, região de uma dificuldade extrema e quartel geral de todas as guerrilhas que mais do que nunca infestam o país. Em termos de guerra, nada praticamente. Todos esses famosos liberais se desvanecem diante de nós, onde quer que nós nos apresentemos. Mas é impossível não admitir que essas manobras não tenham origem em uma palavra de ordem geral<sup>63</sup>.

O ano de 1865 trouxe novos ingredientes à guerra. O Decreto Imperial anunci-

---

<sup>60</sup> Carta de A. L. Frélaut. Trapiche, 10 de outubro de 1864. *Ibidem*, p. 165.

<sup>61</sup> Carta de A. L. Frélaut. Guadalajara, 12 de setembro de 1864. *Ibidem*, p. 160.

<sup>62</sup> *Ibidem*

<sup>63</sup> México, 28 de outubro de 1866, p. 262. A região de Husteca envolve porções de Veracruz, Tamaulipas, Querétaro, San Luis Potosi e Hidalgo. Na região desenvolveu-se, na época pré-hispânica, a cultura dos huastecos.

ado em 3 de outubro, assegurando anistia para os mexicanos que se alistassem nas fileiras leais ao império e estabelecendo a “lei negra” para guerrilheiros, que poderiam ser executados sumariamente, sem julgamento, tornou ainda mais crua e vulnerável a condição da população em meio ao conflito em cena<sup>64</sup>. Em 13 de outubro, escreveu Augustin-Louis a Fortuné, sua missão era exterminar, “*cette besogne d’extermination*”, e “Deus sabe se ela é agradável”... A constatação vinha permeada de desconforto e revolta. “Deveríamos entender, na França, que há um limite para todas as paciências e todas as dedicações”. Desculpando-se ao irmão e justificando ser mais forte do que ele proclama “eu detesto o México e os Mexicanos e certamente os enviaria todos aos diabos se dependesse só de mim”. Perto do fim da carta, arremata, “não se pode dizer que estamos exilados?”<sup>65</sup>.

Por esses tempos, circulavam rumores sobre a entrada dos Estados Unidos na guerra, embora ainda se duvidasse de que a intervenção se concretizaria. Em carta de 6 de abril 1866, Frélaud conta que mantinha exploradores indígenas sobre uma fileira de 20 *lieues* – correspondentes a cerca de 80 quilômetros – ao longo do Rio Grande, no estado de Michoacán, para notificar qualquer acontecimento.

Embora uma invasão norte-americana ao México cindido não tenha chegado a ocorrer, é certo que o apoio dos Estados Unidos às forças lideradas por Benito Juárez, assim como a pressão exercida na arena internacional, contribuiu para a decisão francesa de desistir da campanha no ultramar<sup>66</sup>.

Mais do que nunca, a essa altura, a obsessão de Frélaud era aproximar-se do litoral, de Veracruz, e da perspectiva de retorno. “Eu morro aqui de tristeza e de tédio, não havendo outra sociedade que a indígena e Deus sabe o que é isso”<sup>67</sup>. O alívio vinha com as lembranças da Bretanha. Encontrei nas redondezas “um bravo homem que eu tenho o prazer de frequentar, um *ranchero*... Vejo muita analogia entre a cordialidade da recepção desses camponeses mexicanos e de nossos bons camponeses da Bretanha.”<sup>68</sup> Também agradece Fortuné os dois números do *Journal de Vannes* que recebeu, trazendo estampados nomes familiares e os ares de casa<sup>69</sup>.

---

<sup>64</sup> Carta de A. L. Frélaud. León, 29 de agosto de 1865. *Ibidem*, p. 206. Também, León, 13 de outubro de 1865, p. 209.

<sup>65</sup> Carta de A. L. Frélaud. León, 13 de outubro de 1865. *Ibidem*, p. 210. Em carta de 9 de julho de 1866, escrita de México, reafirma, “os mexicanos que se virem sozinhos. Há quatro anos trabalhamos aqui como negros”. Carta de A. L. Frélaud. México, 9 de julho de 1866. *Ibidem*, p. 251.

<sup>66</sup> Sobre as relações que os liberais mexicanos estabeleceram com os Estados Unidos na década de 1860, ver a interpretação pioneira do “Científico” Justo Sierra, publicada pela primeira vez em 1905. SIERRA, Justo. Juárez. *Su obra y su tempo*. México DF: Editorial Porrúa, 2004.

<sup>67</sup> Carta de A. L. Frélaud. Arroyo-Sarco, 23 de abril de 1866. *Ibidem*, p. 242.

<sup>68</sup> *Ibidem*

<sup>69</sup> Carta de A. L. Frélaud. Tepeji-del-Rio, 24 de junho de 1866. *Ibidem*, p. 249.

Em julho de 1866, acompanhada de transbordantes expectativas, teve êxito a segunda tentativa de instalação do cabo telegráfico transoceânico *Great-Eastern*, que revolucionou a velocidade da comunicação entre a Europa e as Américas. Frélaud e seus companheiros passaram a contar com a possibilidade de receber notícias frescas sobre os acontecimentos em curso na Europa, além da maior agilidade na transmissão de informações estratégicas que os cabos intercontinentais já vinham assegurando. A comunicação – e, com muita frequência, sua morosidade e vulnerabilidade – constituíram, como dissemos, uma queixa sempre presente na correspondência do soldado.

Nesse mesmo ano decisivo, consolidou-se o plano para a retirada dos franceses do México, que seria feita em três etapas entre novembro do mesmo ano e princípios de 1867. Condecorado e promovido na carreira militar, encontrando-se nas redondezas da capital, Frélaud enfrentava a etapa final da missão. Tudo ia mal desde anúncio da retirada, a Imperatriz Carlota partira para a França esperando reverter a decisão de Napoleão III. Mas a França imperial já voltava toda a sua atenção para a Prússia, e a desastrada campanha no México já era dada como página virada, inclusive dos livros da história militar do país.

Restava a preocupação em repatriar os soldados em segurança, meta que se acabou de cumprir até maio de 1867, um mês e oito dias antes do fuzilamento de Maximiliano de Habsburgo.

A última carta de Frélaud escrita em solo mexicano foi perdida e mais tarde reescrita pela família. Datava de 24 de fevereiro, com base em Soledad, de onde a divisão do regimento naquela mesma tarde seguiria pelo caminho de ferro até Veracruz. Augustin-Louis Frélaud retornou a bordo do navio *Ardèche* à Argélia. Em 27 de março, a embarcação cruzou o estreito de Gibraltar. Completara-se uma longa etapa que “será chamada na História talvez de Campanha do México, mas que não passou de uma terrível exploração de banqueiros e de uma prova penosa para o exército”<sup>70</sup>. Frélaud já pressentia o apagamento do episódio na memória nacional, bem ao avesso do significado que assumiria no México liberal vitorioso.

Permaneceu na Argélia até outubro de 1869, onde conheceu Flavie Délivré. Autorizado pelo governo, casou-se em 20 de dezembro, em Vannes. Dessa união nasceram quatro meninos e duas meninas. Sete anos mais tarde foi convocado a lutar na guerra franco-prussiana. Em 30 de outubro de 1870, foi ferido e feito prisioneiro. Sua libertação se deu em meio às negociações de paz assinadas pela França vencida.

Serviu ao Exército até 1889, recebendo raras permissões para visitar a família. Em 1889, foi nomeado general e grande oficial da Legião de Honra. Após quase 42 anos de serviço, obteve sua aposentadoria em 17 de julho de 1889. Instalou-se perto de Vannes, onde morreu cinco anos mais tarde, aos 67 anos.

<sup>70</sup> Carta de A. L. Frélaud. Soledad, 24 de abril de 1867. *Ibidem*, p. 274.

## Considerações finais

Quando, poucos anos depois da retirada do exército de Napoleão III e da derrocada dos impérios – o mexicano, em 1867, e o francês em 1870 –, o professor de primeiras letras D. Monico Ayala assumiu a escola dos *pueblos* de Anenecuilco e Ayala, fez dos relatos sobre a resistência aos invasores e das leis liberais vitoriosas um tema importante de suas aulas e exercícios de leitura<sup>71</sup>. Por essa escola passariam, nos anos que se seguiram, futuros combatentes da Revolução Mexicana, que apoiaram Emiliano Zapata e o seu Plano de Ayala.

Como pesquisadora, há muito me chama a atenção a centralidade dessas experiências políticas e de luta, que entrelaça questões da grande cena política ao cotidiano das comunidades camponesas. Penso que as cartas de Frélaout reforçam essa percepção sobre o alcance e a intensidade desses acontecimentos, levando amplas parcelas da população a tomar partido, por razões que iam das identidades políticas ao medo e à conveniência. Desse ambiente brotavam os “os milhares de liberais” a que se referia Frélaout, presentes em toda parte, tão organizados que certamente obedeciam a um “comando geral”, depauperados, mas tenazes, sempre prontos a recuperar o território no encalço no deslocamento francês...

E se Frélaout pôde falar na “docilidade” dos índios que respondiam aos recrutamentos feitos pelos franceses, ou dos povoados saqueados pelas guerrilhas liberais que receberam os soldados invasores como protetores, em nenhum momento o *zouave* nos dá sinais de que sua presença e seu projeto político tenham sido espontaneamente celebrados no México profundo, tal como observou nas elegantes procissões no centro de Guadalajara. A não ser entre pessoas de posses, e fazendeiros que acolhiam os soldados, senhoritas que, à distância, prestavam homenagem ao imperador Maximiliano no dia de seu aniversário, a lealdade aos franceses ficou limitada aos espaços em que esses fizeram valer, por sua presença física, a autoridade militar. Autoridade incapaz de se fixar.

Seus relatos ao irmão indicam que, do lado das forças liberais, mesmo com Benito Juárez refugiado no Norte do país ou nos Estados Unidos, um arco invisível envolveu o território e combatentes anônimos – “bandoleiros”, “ladrões”, mas que se diziam lutando em nome de uma liderança comum a despeito da cruza da lei marcial de 1865, da fome e da precária estrutura militar.

Concluo sugerindo que esse arco esteve na base da força de uma nacionalidade

---

<sup>71</sup> Tratei da personagem D. Monico Ayala no artigo SOARES, G. P.. Letramento e mediações culturais em *pueblos* indígenas do centro-sul do México no século XIX. *História Revista*, Universidade Federal de Goiás, v. 15, n. 1, jan/jun 2010.

mexicana que emergiu nos anos 1870, depois de décadas de agressões externas e fruição dos laços políticos e territoriais internos. Uma nacionalidade construída sobre relações de poder tensas e assimétricas. Mas que conferiu ao arco contornos visíveis.

*Artigo recebido em 22 de abril de 2014.*

*Aprovado em 02 de julho de 2014.*